



Sarney recebeu de Maurício Feijó, o Grão-Colar da Fecomércio-MA

PAG. 2



O presidente do Sistema Fecomércio-MA/Sesc/Senac, Maurício Aragão Feijó, entregou ao ex-presidente da República José Sarney, o Grão-Colar da Ordem do Mérito Comercial do Maranhão

Foi sucesso o Encontro Norte-Nordeste Mulher realizado pelo CIMEC-MA no Hotel Blue Tree SL

PAGs. 4 e 5

Divulgação



A RIQUEZA cultural e a identidade gastronômica do Maranhão desembarcaram em Brasília durante a Semana de Gastronomia Maranhense para uma imersão técnica e sensorial que movimentou a Capital Federal nesta semana

PAG. 7

Sabem os meus leitores da minha admiração pela obra do argentino Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo – ou simplesmente Jorge Luis Borges. Praticamente todas as pessoas, através dos tempos, adotaram ídolos nos quais se espelharam, não importa de que atividade eles eram. Outrora, esses indivíduos tomados como referenciais eram guerreiros, que se destacavam em batalhas, quer em defesa de princípios, quer de mera conquista de territórios.

Houve tempo em que esses parâmetros de grandeza e de eficiência foram os exploradores de terras desconhecidas e distantes, os grandes navegadores, os aventureiros que incendiaram a fantasia de gerações, notadamente dos jovens.

Hoje em dia, porém, as opções são mais modestas e estão restritas a grandes atletas que quebram recordes e mais recordes nas pistas e nas piscinas, jogadores de futebol, vôlei, basquete ou qualquer outro esporte popular e/ou astros do cinema, da televisão e da música popular.

Eu, da minha parte, elegi escritores como modelos do que sempre quis ser. São os meus ídolos. E, entre eles, Borges, que na definição de José Saramago era um “fisioterapeuta da alma”, ocupa, sem dúvida, um lugar muito especial.

Não posso negar que tenha sofrido grande influência do mago, que tinha nos tigres e nos labirintos verdadeira obsessão, na minha forma de ver e interpretar o mundo. Claro que fui influenciado, também, por Marcel Proust, Eça de Quei-

POESIA

é para ser lida em voz alta, como os versos de Borges, impossíveis de serem lidos em voz baixa

rós, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Ernest Hemingway, Gabriel Garcia Márquez, Octávio Paz e tantos e tantos outros, que me indicaram caminhos a seguir e me deram aulas de lucidez e racionalidade em seus livros.

Mas o que mais me aproximou do poeta, ensaísta, contista e escritor argentino – mais do que detentor de uma nacionalidade específica, ele era cidadão do mundo –, foi o seu estilo literário “sui generis”, em que os personagens mesclam situações de realidade e fantasia que nos enredam, acumpliciam e convidam à reflexão. É impossível ler algum dos textos de Borges sem se deter, amiúde, para refletir sobre algum dos mistérios da vida e do universo que ele aborda...

Gosto, sobretudo, do poeta Jorge Luis Borges. Afinal, é na poesia que ele revela toda a sua criatividade e transcende ao seu tempo e até à sua

humanidade. Ascende, por intermédio dela, o panteão dos imortais, ao lado de gênios como Homero, Virgílio, Horácio, Camões.

Guardo, com muito carinho, uma entrevista que Borges concedeu pouco antes da sua morte. Nela, diz el brujo argentino: “Não há nada neste mundo que se possa comparar ao poeta. Porque este vislumbra o que vai além do horizonte. E isto é o todo”. E vai mais além ao considerar o poeta “construtor lírico de uma humanidade melhor”.

Há, claro, Poesia (com “p” maiúsculo) e mero arremedo dela. Há versos marcantes, que depois de lidos nunca mais se apagam da nossa memória e outros cujo significado não chegamos jamais a apreender e que, por consequência, não geram qualquer efeito, por não passarem de mera pirotecnia verbal. Há poemas que morremos de inveja por não termos sido nós seus autores e ou-

tros tantos que não passam de meras letras esparsas ou simples sinais gráficos.

Borges escreveu a respeito: “Um verso bom não pode ser lido em voz baixa – ou em silêncio. Se isso for possível, então o verso não vale a pena, pois um verso sempre exige sua pronúncia. O verso nos faz lembrar que, antes de arte escrita, foi uma arte oral; o verso nos lembra que inicialmente foi um canto”. E quem faz essa afirmação é um dos mais criativos e marcantes poetas dos tempos modernos.

Para Borges, um poema nunca estará concluído enquanto estivermos vivos. O que parece ser um novo é, na verdade, sempre o mesmo, posto que sob novos enfoques, com outra roupagem, outras palavras, certamente, com metáforas diversas das anteriores, mas ainda assim uma continuidade da criação original.

Borges escreveu, a propósito: “Talvez em uma dezena de dias esse poema que passei escrevendo a vida toda se transforme em uma obra completa. Do contrário, deverei seguir pensando como Galileu Galilei, que a valentia é uma forma de lucidez”.

Os versos de Borges são impossíveis de serem lidos em voz baixa e ecoam em nossa alma vida afora. Inúmeras vezes ele afirmou que sua maior ambição era ser esquecido depois que morresse. “O tempo se encarregará de me suicidar”, afirmou, certa feita.

Como esquecer o que está gravado a ferro e fogo na memória e no mais profundo patamar da nossa alma?



Maurício Feijó entregando o Grão-Colar da Ordem do Mérito Comercial ao ex-presidente José Sarney



O ex-presidente Sarney entre Antonio Freitas, o Repórter PH, Ana Célia Feijó, Maurício Aragão Feijó, Rutineia Amaral, Manoel Barbosa e Max de Medeiros

FECOMÉRCIO-MA HOMENAGEIA JOSÉ SARNEY COM O GRÃO-COLAR DA ORDEM DO MÉRITO COMERCIAL

Como forma de agradecimento e retribuição pela ilustre participação na Solenidade de Posse da Diretoria da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Maranhão (Fecomércio-MA), realizada no dia 30 de maio, o presidente Maurício Aragão Feijó realizou uma visita de cortesia ao ex-presidente da República, José Sarney, em sua residência, na segunda-feira (8). No encontro, o presidente Maurício Feijó esteve acompanhado de sua esposa, a empresária Ana Célia Feijó, e de uma comitiva do Sistema Comércio.

Durante o encontro, a Fecomércio-MA prestou uma homenagem oficial a José Sarney

com a entrega da Ordem do Mérito Comercial do Maranhão, no mais alto Grau, o de Grão-Colar.

A honraria é concedida exclusivamente a presidentes e ex-presidentes da República, como reconhecimento público à relevância de suas trajetórias políticas e institucionais e aos relevantes serviços prestados à Nação.

Além da medalha, o ex-presidente foi presenteado com um álbum personalizado contendo os registros fotográficos da solenidade de posse do dia 30 de maio e com uma réplica da carreta institucional, miniatura que simboliza a atuação e o alcance das unidades móveis do Sistema

Fecomércio/Sesc/Senac no interior do estado.

O encontro de cortesia também contou com a presença dos vice-presidentes da Fecomércio-MA, Manoel Barbosa e Antonio Freitas; do diretor executivo da Federação, Max de Medeiros; da diretora regional do Sesc, Rutineia Amaral; e do jornalista Pergentino Holanda.

A reunião teve uma atmosfera descontraída, com Manoel Barbosa delembrando o grau de parentesco com o ex-Presidente e Antonio Freitas declamou versos de repentistas da Paraíba.

Dona Marly Sarney também foi homenageada pela Fecomércio-MA, com um buquê de flores da estação e um mimo entregue pela comitiva.



O ex-presidente Sarney com a placa da Fecomércio-MA, entre Maurício e Ana Célia Feijó



O Repórter PH, José Sarney, Maurício e Ana Célia Feijó e Rutineia Amaral



José Sarney olhando a miniatura da maquete que simboliza a atuação e o alcance das unidades móveis do Sistema Fecomércio/Sesc/Senac no interior do estado



O álbum da participação de Sarney na festa da Fecomércio-MA



Os brindes que a comitiva da Fecomércio-MA levou para o ex-presidente José Sarney



Dona Marly Sarney e o ex-presidente José Sarney cercados por Antônio Freitas, Manoel Barbosa, Maurício Aragão Feijó e Ana Célia, o Repórter PH, Rutineia Amaral e Max de Medeiros



Elias Medeiros, Filipe Fontes, Eli e Rose Medeiros, Jewerl Maxwell (Reitor Taylor), Solano Portela, Scott Moeschberger (Diretor International Program Taylor) e Elizabeth Portela

Parceria internacional

A Escola Cristã Trinum iniciou uma parceria com a Taylor University (www.taylor.edu), uma das mais prestigiadas Universidades Cristãs dos Estados Unidos, com sede em Indianápolis, USA. A parceria permitirá que alunos da Escola participem do Programa "Prospect Camp", nos meses de Janeiro (3 semanas) e Julho (2 semanas), de cada ano. Consiste o Programa em imersão no Estudo de Inglês e em Atividades Acadêmicas, com viagem cultural, ao final, para conhecer a réplica da Arca de Noé (construída com as dimensões e detalhes relatadas na Bíblia); o Museu da Criação; e o Museu da Força Aérea Americana, nos Estados de Ohio e Kentucky. O primeiro grupo seguirá no dia 10 de julho próximo, retornando no dia 27 de julho. O grupo pioneiro (Camila Aragão, Benjamin Leite e João Guilherme) selará a parceria firmada na visita realizada em abril último do Conselho Deliberativo do Centro Educacional Trinum (Escola Cristã Trinum), Eli Medeiros e Rose Medeiros, e os membros do Conselho Educacional da Escola Trinum, Solano Portela, Filipe Fontes e Elias Medeiros.



Camila Aragão Alves, Benjamin Leite e João Guilherme Aragão Alves



Elias Medeiros, Eli Medeiros, Filipe Fontes, Rose Medeiros, Solano Portela e Elizabeth Portela



Filipe Fontes, Eli Medeiros, Rose Medeiros, Elizabeth Portela e Solano Portela



Eli Medeiros, Rose Medeiros, Solano Portela e Elias Medeiros



Samuel de Paiva Mamede (Prof. Taylor), Marco Bernardes (Associate Professor of Mechanical Engineering), Solano Portela, Michael Lindsay (Presidente da Taylor), Elizabeth Portela, Eli Medeiros, Filipe Fontes, Rose Medeiros, Elias Medeiros e Giovanna Domene Shiits (Multicultural Student Recruiter Taylor University)

A reinvenção da vida como metáfora

1 Quando eu era mais jovem, tinha como ideal uma vida intensa e agitada, em que não faltassem projetos, livros, amores, desejos, sonhos e movimentação. Hoje eu almejo serenidade. Há épocas para desfrutar cada momento, querer a muitos amores, sofrer dessa dor boa que é apaixonar-se.

Há tempos para mergulhar em paixão, numa voragem irresistível e magnífica. Há instantes para existir ardentemente, viajar sem horizontes, voltar a lugares onde se foi feliz. Mas há também ocasiões para traçar um balanço de todas as belas experiências vividas, não para recriá-las, mas para fazê-las se reinventar na memória.

É bem verdade que em quase oito décadas de travessia tive uma bela experiência de vida. Mas agora quero fruí-la como quem percorre as páginas de um diário e as reinventa com prazer.

2 Sem que percebas, cada dia teu é um passo rumo a incerto fim. Foi assim na noite em que adormeci exausto, na infância, depois de ter me investido cem vezes da coragem do soldado, da ousadia do ladrão, sob a mirada de inveja da Lua, que transitava no céu da cidade que perdi.

Foi assim na manhã em que, na adolescência, recém-calados os acordes da festa, desafiei as vagas daquele trecho irado de mar e uma secreta corrente testou minhas forças e quase me aprisionou em ocultos vórtices, onde moram corais e celacantos.

E também foi assim na culpada tarde de minha primeira juventude que desfaleci, saciado, no corpo nu a murmurar meu nome numa canção de adeus.

3 Ah, como são saudosas essas lembranças! Não dá para esquecer aquela clara manhã em Roma, quando fui atraído pelo anúncio de uma mostra. O Palazzo delle Esposizioni me convidava, em imensos banners, para dar uma olhada em algo chamado A Ideia do Belo, bem assim, em português, dentre uma torrente de outros idiomas. Imaginei qualquer coisa de incrivelmente abstrato, hermético, impenetrável feito um poema em sânscrito.

Mas como me pareceu um bom contraponto para a luz de primavera reinante ali em plena Via Nazionale, resolvi dar uma espiada.

Foi todo um deslumbramento. Naqueles imensos salões de herança renascentista haviam reunido três mil anos de arte.

Mármore, telas, tons, textos, filmes, peças cuja mensagem rompia todos os limiares das idades ofereciam um espetáculo que tocava direto o coração.

4 Pensei, naquelas horas de encantamento, que estava diante da síntese perfeita de tudo quanto aprendera em distantes aulas de Teoria da Estética, no Científico do Colégio São Luís, que era um curso que a gente tirava para interpretar o mundo, antes de nos deformarmos na faculdade.

A guia que nos acompanhava era outro deslumbramento. Tinha essa beleza também clássica que só floresceu na Grécia e no Lácio e que servira de modelo para tantas das esculturas ao meu redor.

Morena, de um tom bem pronunciado, como a Gabriela de Jorge Amado, tinha traços lindos. Se fosse uma estátua daquelas gregas, como as que ornamentam os museus do mundo, diria que era candidata à eternidade.

5 Rápido no gatilho, batizei a envolvente romana de La Cardinale, numa alusão à beleza eterna da atriz Claudia Cardinale, que viveu 87 anos de idade. Convidei-a – em tom de brincadeira, é claro, pois ainda não existia nenhum clima acenando para outra possibilidade entre nós – para vivermos os dois naquele palácio pelos séculos dos séculos, mas ela se limitou a sorrir.

Perguntei-lhe então por que algo de tão incrivelmente concreto como aquele exposição se chamava somente A Ideia do Belo.

Ela explicou que era apenas uma metáfora.

Um histórico pedido de perdão do Papa

O papa Leão XIV fez um pedido histórico de perdão pelo papel da própria Igreja Católica na legitimação da escravidão ao longo da história e pela demora de séculos para condená-la. A declaração consta na primeira encíclica do Pontífice, intitulada Magnífica Humanitas, divulgada há poucos dias pelo Vaticano.

O acontecimento é histórico pois, embora outros pontífices já tenham pedido desculpas à humanidade pelo envolvimento de cristãos no tráfico de escravizados, nenhum papa havia reconhecido publicamente ou pedido perdão pelo papel de antigos líderes da Igreja em autorizar explicitamente soberanos europeus a subjugar e escravizar os chamados, na época, de "infelizes".

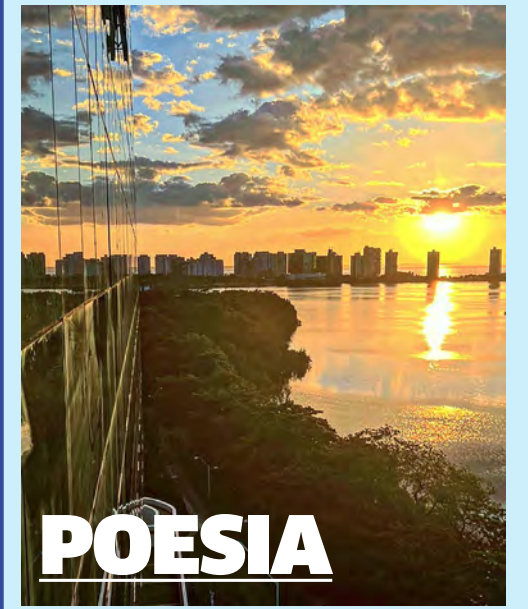
Segundo o documento do Pontífice, não reagir a essas realidades faz com que o Vaticano se torne, hoje, cúmplice dos erros cometidos no passado. Leão XIV reconheceu que a instituição tinha pleno conhecimento dessas ações na época:

"Não podemos negar ou minimizar o atraso com que a Igreja e a sociedade condenaram o flagelo da escravatura", diz um trecho.

Leão XIV afirmou que o episódio é uma ferida na memória cristã, à qual a Igreja Católica não pode ficar alheia.

"É impossível não sentir profunda dor ao considerar o enorme sofrimento e humilhação que a escravatura significou para tantas pessoas, em contraste com a sua ilimitada dignidade, amada infinitamente pelo Senhor. Assim sendo, em nome da Igreja, peço sinceramente perdão".

Divulgação/carlos Mallmann



COMPANHIA DE SEGUROS

Luís Augusto Cassas

Quando os sóis poentes desaparecerem dos meus olhos Maria Rita deixarei para ti bens valiosos que sustentarão tua velhice e o excessivo apego por tudo que seja ouro: colares brinco pulseiras anéis

não ficarás desamparada como a Fonte do Ribeirão e Alcântara ou as viúvas de respeitados vates provincianos sem pensão

deixarei para ti os crepúsculos de São Luís os crepúsculos do Portinho Igreja dos Remédios Vinhais Praça João Lisboa Beira-Mar Monte Castelo Areinha Jacinto Maia Rua da Paz Rua do Sol Beco Escuro Praia Grande

todos eles até o que se escondeu sorrateiro num mirante da Rua da Estrela

rica poderás organizar desfile de modas e chás beneficentes com renda revertida em prol da infância desamparada e da velhice desassistida

serás uma grande dama e feliz

O tempo certo

Concordo com o cronista que diz "Crônica que usar a data como tema corre o risco de se repetir no ano seguinte. Natal, Mães, Índio, Tiradentes, Páscoa: a sucessão de efemérides exauriu a capacidade de invenção de alguns autores, que agora fogem do chamado "gancho", num movimento libertário ainda não reconhecido. Eles se opõem à catilinária dos catequistas, que a cada marca do tempo despejam a sabedoria de ocasião.

Realmente, é bem melhor falar de peixes quando há deserto, ou de vulcões quando dá praia. Os escribas insurretos não se confundem, porém, com os repetitivos anticlericais que acabam comendo carne no dia da Paixão, pois esse gesto é tão batido que já foi absorvido. Preferem algo mais radical, como esquecer o Dia do Jornalista para falar de algo mais profundo, como a perda do jogo de botões na mudança da família para a Capital.

Lá ficaram os craques de plásticos jogados num canto, sendo varridos pelos novos donos, indiferentes como carros de passeio passando rapidamente por vendedores de frutas na beira de uma estrada remota.

Quem irá recolher o tabuleiro abandonado de um jogo milenar de damas, que pertenceu aos ancestrais vindos não se sabe de onde, depois que completamos os 18 anos regulamentares e sumimos para sempre na voragem da vida adulta?

O tempo certo...2

Esses são os temas que ocupam os escrivinhadores avessos aos desfiles e procissões. Eles contam outras histórias que passam ao largo de avenidas engalanadas e passeatas comemorativas.

A realidade não é o marketing da notícia, o tempo certo de criar ou chorar. Há uma quarta-feira de cinzas nas férias de verão desses impicantes batucadores de teclados. Há uma ascensão solar na madrugada de veludo dos inspirados letristas fora da vida social.

Eles vivem no ermo absoluto, lá onde o arco-íris se refaz da sua arquitetura de abóbadas. São os pintores de néon que fecham a aliança entre as pessoas e seus desígnios e memórias. Possuem chaveiros confusos, bolsas que jamais abrem, meias de tamanhos diversos que nunca formam par. Eles se espantam com os pássaros quando todos estão atentos aos discursos. Colecionam abraços quando há atropelo. E jogam a isca para o amor, arisco por entre as gentes. Alguém há de cair enredado por essa mística.

Eles possuem o tempo certo que escapa ao calendário.

Primeira encíclica

A Magnífica Humanitas, primeira encíclica de Leão XIV, tem como foco a expansão da inteligência artificial e traça um paralelo com a Rerum Novarum, encíclica lançada em 1891 por Leão XIII.

"A IA é o ambiente em que estamos imersos e o poder com o qual temos de lidar. Por isso, não basta regulá-la: deve ser desarmada e tornada acolhedora", diz o documento.

As encíclicas são documentos direcionados aos bispos, clero e a todos os fiéis católicos, usados para orientar sobre doutrina, moral ou para abordar questões sociais de grande relevância.



Prefeita de São Luís, Esmênia Miranda, fazendo uma palestra



Maria Vandira Peixoto agradecendo a presença da imensa plateia



Claudia Martins, Edila Neves, prefeita Esmênia Miranda e Reijane Almeida



Goreth Bandeira, Jacira Haickel, Lou Marques e Ana Isabel Azevedo



Lou Marques, Virgínia (uma das talentosas alunas do Projeto Social Wonder Woman, que integrou a exposição realizada no Tempo de Guarnicê), Ana Isabel Azevedo e Francisca Cardoso



Secretaria Aurea Borges, Prefeita Esmênia Miranda e Felipe Mussalém



A prefeita Esmênia Miranda entre Raimunda Holanda e Michelinne Feijó Sousa



Lou Marques, Edila Neves, Edina Montenegro, Michelinne Feijó Sousa e Jenilce Pavão

Tempo de Guarnicê no Hotel Blue Tree SL

São Luís foi palco, na terça-feira, do Tempo de Guarnicê, encontro promovido pelo Conselho da Mulher Empreendedora e da Cultura (CMEC Maranhão), que reuniu empresárias, lideranças femininas, representantes de instituições e autoridades em uma programação marcada pela troca de experiências, valorização da cultura regional e fortalecimento do empreendedorismo feminino.

Realizado no Blue Tree Towers São Luís Hotel, o evento recebeu a prefeita de São Luís, Esmênia Miranda; o secretário de Estado da Indústria e Comércio, Junior Marreca; representantes do Sebrae; além de integrantes do CMEC Nacional, entre elas Maria Vandira Peixoto e Dominique, fortalecendo a integração entre mulheres empreendedoras do Norte e Nordeste.

A programação incluiu painéis e mesas-redondas sobre empreendedorismo, projetos sociais, economia criativa, artesanato e desenvolvimento regional, reunindo experiências inspiradoras de mulheres que transformam suas

comunidades por meio do trabalho e da inovação.

A cultura maranhense também teve lugar de destaque. As apresentações do Boi Barrica e do Boi de Axixá encantaram o público e proporcionaram uma verdadeira imersão nas tradições do estado. O encontro contou ainda com uma feira de produtos maranhenses, reunindo empreendedoras e participantes de projetos apoiados pelo CMEC, valorizando o talento e a produção feminina local.

Para a presidente do CMEC Maranhão, Edna Montenegro, o sentimento é de gratidão e realização. "Foi um encontro que superou expectativas, reunindo mulheres de diferentes estados em um ambiente de aprendizado, conexão e fortalecimento mútuo. Ver nossa cultura sendo celebrada e tantas his5encontro, o Tempo de Guarnicê consolidou-se como um espaço de inspiração, integração e construção de oportunidades, celebrando a força das mulheres empreendedoras e a riqueza cultural do Maranhão.



Maria Vandira Peixoto entre Roberto Brandão e José Pereira Godão, da Cia. Barrica



Felipe Mussalém fazendo uma palestra



Junior Marreca representou o Governador Brandão



Venísia Ferreira e Rosely Vieira



Jacira Haickel e Goreth Bandeira

Fotos/Divulgação/Danielle Vieira



A prefeita Esmênia Miranda e Felipe Mussalém, assistindo a apresentação do Boi de Axiá



Prefeita Esmênia Miranda e Edla Neves da Silva



Maria Vandira Peixoto, Júnior Marreca, Luzia Rezende e Ana Izabel Azevedo



Raimunda Holanda, Michelinne Feijó Sousa, e Maria Vandira Peixoto



Francisca Cardoso, Aurea Borges e Venísia Ferreira



Fernanda Heluy Brandão, Goreth Bandeira, Júnior Marreca e Luzia Rezende



Maria Vandira Peixoto entre a amiga Fátima Teixeira e a filha Manuela Peixoto



Ivana Andreia, Edila Neves e Ana Izabel Azevedo



Raimunda Holanda, Edna Montenegro, Michelinne Feijó Sousa e Maria Vandira Peixoto



Lou Marques, diretora do CMEC Maranhão, Edna Montenegro, presidente da entidade, e as personagens da cultura popular maranhense que receberam os convidados



O Secretário de Indústria e Comércio, Júnior Marreca



Catarina Melo, Nubia Sousa, Júnior Marreca, Luzia Rezende e Uild Salgado



Marcia Nadler, Prefeita Esmênia Miranda, Secretária da Mulher Aurea Borges e Ana Izabel Azevedo



Júnior Marreca, secretário de Indústria e Comércio, e Isaac Nascimento, Superintendente do Banco do Nordeste



Felipe Mussalém, Maria Vandira Peixoto, prefeita Esmênia Miranda, Edna Montenegro, Reijane Almeida e Júnior Marreca



Maria Vandira Peixoto e Ana Luzia Lima (do Ceará) com brincantes do Boizinho Barrica



John Coltrane

MILES DAVIS E JOHN COLTRANE: 100 ANOS A ILUMINAR O JAZZ

Um aventureiro e um miniaturista, um obsessivo e um impulsivo. O acaso fez Miles e Coltrane nascerem no mesmo ano, 1926. A sua música e os seus discos são autênticas bibliotecas de um momento do mundo.

Nascidos em 1926, o trompetista Miles Davis e o saxofonista John Coltrane reinventaram a história da música. Suas trajetórias convergiram para criar alguns dos momentos mais marcantes e influentes do jazz, estabelecendo um legado que permanece vivo e continua a ser celebrado globalmente.

A união entre Miles e Coltrane marcou profundamente as décadas de 1950 e 1960. O trompetista, com seu estilo minimalista, elegante e focado no espaço entre as notas, serviu como o contraponto perfeito para a intensidade, paixão e a busca incessante por novos caminhos harmônicos do saxofonista.

Kind of Blue (1959): Considerado um dos maiores álbuns de jazz de todos os tempos. Gravado pela lendária formação do sexteto de Miles, destacou temas clássicos como "So What" e "Blue in Green", impulsionando a transição do jazz para um modelo modal.

A Love Supreme (1964): Embora gravado após a saída de Coltrane do grupo de Miles, este trabalho resume perfeitamente a revolução espiritual e musical que Coltrane construiu a partir de suas bases com o trompetista.

O ano de 1926 ficou eternamente marcado na história da música com o nascimento desses dois gigantes. O impacto que geraram ainda é extensivamente debatido e lembrado por especialistas. Instituições de renome ao redor do mundo continuam a dedicar programações especiais para analisar a fundo a liberdade criativa e as transformações que ambos trouxeram.

Em 26 de maio de 1926, nascia em Alton, no estado norte-americano do Illinois, o segundo dos três filhos de Miles e Cleota Davis. O bebê recebeu o nome de Miles Dewey Davis III – mas basta dizer Miles que todos percebem instantaneamente de quem se fala, como se fala de Sinatra, Ella, Bowie ou Springsteen.

Nenhum outro músico de jazz se instalou no imaginário cultural do século XX como Miles Davis. Nem mesmo John William Coltrane, nascido apenas quatro meses mais tarde, a 23 de setembro de 1926, em Hamlet, na Carolina do Norte, cujo centenário de nascimento se celebra igualmente este ano. O enorme sucesso do trompetista, que se manteve durante praticamente um quarto de século (1949-1975) um passo à frente de toda a concorrência e morreu em 1991 aos 65 anos, fez muito pelo alargamento do jazz para além da sua audiência inicial (um pouco como Bob Dylan abriria novos mundos ao folk). Já Coltrane, por seu lado, "escancarou" algumas das portas abertas por Miles para explorar direções mais experimentais e espirituais, que o tornaram num "santo padroeiro" do jazz devocional e vanguardista, antes de morrer prematuramente em 1967, com apenas 40 anos, de cancro do fígado.

Sem desprimor para a verdadeira constelação de estrelas



Miles Davis

que fizeram do século XX o século do jazz, não é descabido dizer que Miles e Coltrane são ainda hoje, musicalmente, o "duplo sol" que ilumina tudo o que veio depois, e que a melhor maneira de descrever o que ambos fizeram é free jazz. Não no significado literal da expressão em termos históricos — o jazz livre, vanguardista, radical, que se tornou uma das linguagens jazzísticas dominantes das décadas de 1960 e 1970 — mas sim na aceção exploratória, curiosa, de liberdade absoluta.

O seu jazz era livre porque se recusava a confinar-se nas gavetas em que se queria arrumá-lo; e era moderno porque reflectia um mundo que mudara radicalmente depois da Segunda Guerra Mundial.

O jornalista e crítico musical canadense Paul Wells defende, na sua newsletter, que "nem Davis nem Coltrane tocavam da maneira como a maior parte das pessoas entendiam a palavra, ou o trabalho dos maiores praticantes de jazz, apenas poucos anos antes. Faziam música nova séria para novos tempos desconcertantes".

Mas não a faziam de costas voltadas para quem os ouvia nem para o seu próprio passado: a sua música podia parecer abstrata, cerebral, mas era feita por gente que conhecia a história, subira a pulso e sabia as lições de trás para a frente e podia agora esquecê-las.

Miles fora, brevemente, aluno do célebre conservatório Juilliard e começou a tocar com Coleman Hawkins, Charlie Parker ou Billy Eckstine; Coltrane era conhecido pela sua maníaca devoção à técnica, ensaiando "25 horas por dia", segundo a boutade que correu pelo mundo de Nova York.

Em 1955, Miles convida Coltrane para fazer parte do seu grupo, num encontro que quase se diria premeditado. O músico e educador americano Ethan Iverson defende

que a progressão Charlie Parker – Miles Davis – John Coltrane é a "santíssima trindade" do jazz moderno, um "estafeta" onde cada um dos músicos aprendeu com o anterior e passou o testemunho ao seguinte.

Na sua newsletter essencial *Transitional Technology*, Iverson propõe que "a música de Bird [alcunha de Charlie Parker] não é sempre apreciada pelos civis" e que "os conhecedores e os músicos compreendem a sua mensagem mais nitidamente do que o ouvinte ocasional".

Foi Miles quem descobriu como fazer música para todos [os públicos] usando os princípios de Bird, e muitos dos discos mais acessíveis de Davis foram gravados com Coltrane [...]. Em 1960, Trane deixou Miles e deu início à sua própria ascensão meteórica à estratosfera da vanguarda; a própria música de Miles nos anos 1960 também lidaria com preocupações esotéricas."

O encontro entre Davis e Coltrane no chamado "Primeiro Grande Quinteto" do trompetista (ativo entre 1955 e 1959 e completado por Paul Chambers no baixo, Philly Joe Jones à bateria e Red Garland ao piano) seria, então, o ponto de inflexão que separaria os dois músicos dos seus contemporâneos, mas também um do outro. Davis é o aventureiro impulsivo que se dedica a desbravar territórios, mas se aborrece quando já não tem para onde ir e precisa de partir em busca da próxima fronteira; Coltrane, o miniaturista tecnicista que esmiuça pacientemente uma única zona e a investiga até não ficar pedra sob pedra. Ambos exploradores, mas de modos mais complementares do que opostos.

As faíscas do seu encontro são uma espécie de big bang cujas repercussões ainda hoje sentimos.

Os cinco anos em que tocaram juntos correspondem ao período em que Miles assina pela Columbia e o Primeiro Grande Quinteto grava as duas "sessões-maratona" para encerrar o contrato com a Prestige do qual resultarão *Cookin', Relaxin', Workin' e Steamin'*, afirmações definitivas do hard bop.

É o período em que Coltrane, durante um interregno para largar a heroína, toca com Thelonious Monk e publica o clássico *Blue Train*. É o período em que Davis lidera o quinteto em estúdio para "Round About Midnight, e, com as presenças do saxofonista Julian "Cannonball" Adderley e do pianista Bill Evans, *Milestones* e o incontestável *Kind of Blue*. Um fogo-de-artifício condenado a extinguir-se, como deixa bem explícito *The Final Tour — The Bootleg Series, Vol. 6*, conjunto de gravações ao vivo de 1960 apenas editadas oficialmente em 2018, registando a última excursão europeia que os músicos fizeram juntos (o quinteto era então Miles, Coltrane, Chambers, Wynton Kelly ao piano e Jimmy Cobb à bateria).

Para citar os velhos westerns, "a cidade ficara demasiado grande para eles dois". Coltrane já pusera os olhos no espaço interestelar, gravando primeiro na Atlantic (obtendo assinalável êxito com *My Favorite Things*) e, depois, na Impulse!, onde se tornou uma das luminárias do free jazz de vanguarda, influenciado por Ornette Coleman, Albert Ayler ou Sun Ra. O seu Quarteto Clássico (com McCoy Tyner, Jimmy Garrison e Elvin Jones) deu origem ao mais perfeito encontro de classicismo e exploração com a espiritualidade moderna de *A Love Supreme*, antes de partir para territórios cósmicos que Elvin Jones dizia "apenas os poetas conseguem compreender".

Enquanto isso, Miles, transformado numa autêntica

"marca" do jazz moderno capaz de antecipar as próximas tendências, tornou-se um genuíno "olheiro" de talentos, bastando reparar nos nomes que o acompanharão em estúdio e/ou em palco até se retirar dos holofotes em 1975. Ron Carter no baixo, Wayne Shorter no saxofone, Herbie Hancock ao piano e o então ainda adolescente baterista Tony Williams serão os alicerces do Segundo Grande Quinteto (1965-1968); formações posteriores incluíram o baixista Dave Holland, os pianistas Chick Corea, Joe Zawinul e Keith Jarrett, os guitarristas John McLaughlin e John Scofield, o percussionista brasileiro Airto Moreira ou o baterista Jack DeJohnette. Muitos deles, como Coltrane o fizera entretanto, impor-se-ão por mérito próprio (em alguns casos mesmo enquanto ainda tocavam com Miles), confirmando os ouvidos atentos do trompetista. Miles era cada vez menos apenas um músico e cada vez mais "organizador" e "gestor" de ambientes e ritmos, chefe de orquestra perseguindo uma perfeição talvez inexistente sem a ajuda preciosa do produtor Teo Macero.

O jazz como fusão

Justapor os primeiros discos de Miles aos títulos que gravou entre 1960 e 1975 é descobrir um músico que foi lentamente rarefazendo a sua presença física para se tornar "eminência parda", guardando-se para intervenções de uma precisão cirúrgica onde o que se tocava era tão importante como quando se tocava – ou não tivesse Miles comparado, nos anos 1980, a música com a pintura, falando de "linhas" e "cores".

Essa rarefação coincidiu também, contraditoriamente, com a maximização sonora decorrente

da "electrificação" da instrumentação e do seu desejo de falar a uma nova geração de ouvintes: a sua entrada pelos caminhos do jazz de fusão, cristalizada no divisivo *Bitches Brew*, ressoaria com a ascensão da contracultura na América dos anos 1970 e levaria um Miles mais ativista do orgulho negro do que nunca a namorar com o vedetismo do rock branco.

A reação a *Bitches Brew* foi, aliás, o mais próximo que o trompetista terá estado do momento "Judas!" de Bob Dylan (a comparação não é despidianda, ambos gravavam para a Columbia e transcenderam os seus pontos de partida para se tornarem ícones).

A essa altura, Coltrane já nos tinha deixado e a sua discografia começava a tornar-se um terreno fértil de inspiração. Miles, que desde finais dos anos 1950 ia acumulando vícios, hospitalizações e intervenções cirúrgicas, e que se sabia ser abusador em série das mulheres da sua vida, ausentou-se da música durante cinco anos antes de regressar aos palcos nos anos 1980 com uma sonoridade electrónica atenta às linguagens da nova música negra urbana, e gravando êxitos pop como *Time After Time*, de Cyndi Lauper, ou *Human Nature*, de Michael Jackson, para uma audiência a quem o *Great American Songbook* pouco dizia. Este Miles já não era o desbravador do cool jazz da Costa Leste, do hard bop angular e modernista, da third stream orquestrada por Gil Evans, do jazz modal de *Kind of Blue* ou da fusão eléctrica dos anos 1970; era, apenas, um senador do jazz, mas, mesmo quando o tempo o parecia ter deixado para trás, continuava a não querer ficar parado.

Três meses antes da sua morte, o trompetista atuou no Festival de Jazz de Montreux com Quincy Jones, num concerto de homenagem a Gil Evans onde, pela primeira vez na sua carreira, aceitou voltar ao material de discos como *Miles Ahead*, *Sketches of Spain* ou *Porgy and Bess*. Miles nunca quis voltar a casa, mas sempre soube que o passado não ficava lá atrás: transportava-o, todo, consigo.

Lembro com ternura um momento histórico que testemunhei no dia 16 de março de 1991. Eu estava em Portugal e fui ao Coliseu de Lisboa aplaudir Miles Davis, como já o havia feito em Nova York, num dos mais impressionantes shows de jazz da minha história. Meses depois, no dia 28 de setembro, a figura monumental do jazz e da cultura popular do século XX dava o último suspiro, aos 65 anos.

No momento em que se celebra o centenário do seu nascimento, partilhado com esse outro gigante John Coltrane, desaparecido precocemente em 1967, aos 40 anos, recuamos no tempo. Que Miles Davis se nos ofereceu e que olhar lançámos sobre ele? Há quem o saiba bem.



SOTAQUES E SABORES NA SEMANA DE GASTRONOMIA

A riqueza cultural e a identidade gastronômica do Maranhão desembarcaram em Brasília para uma imersão técnica e sensorial que movimentou a Capital Federal nesta semana.

O evento institucional teve início no dia 8, no Centro de Aperfeiçoamento em Gastronomia do Senac (CEAG), com uma aula-show que reuniu estudantes de gastronomia do Senac DF e o público em geral. A iniciativa, visa promover o intercâmbio cultural e apresentar o potencial turístico do estado por meio de sua culinária.

A abertura oficial e a apresentação da comitiva técnica foram conduzidas pela Gerente do Restaurante-Escola do Senac Maranhão, Gabriela Vasconcellos.

Em seguida, o Chef de Cozinha Thiago Ribeiro, acompanhado pelos instrutores Dalila Hellen, e o sub-chef de confeitaria Jorge Lucas Lindoso junto com o instrutor Fabian Steban, assumiram o comando para apresentar as técnicas de execução de duas receitas emblemáticas: a tradicional caldeirada de camarão e um surpreendente blondie de buriti.

A releitura contemporânea da sobremesa, que harmoniza a confeitaria internacional ao sabor marcante do fruto nativo, chamou a atenção da plateia atenta, que pôde registrar o passo a passo e degustar os pratos.

A valorização do patrimônio imaterial maranhense estendeu-se para além dos pratos, os participantes foram presenteados com um kit institucional exclusivo composto por Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial Departamento - Regional Senac Maranhão: nécessaire, bloco de notas, lápis plantável e marca-páginas magnético, todos ilustrados com o Bumba-Meu-Boi pelas mãos do artista maranhense @kambada.

O design delicado das lembranças funcionou como um convite visual para a temporada de festas juninas, período em que a cultura e o turismo ganham força máxima no Maranhão entre os meses de junho e julho, despertando nos presentes o desejo de visitar o estado.

A comitiva maranhense, que conta ainda com os maîtres Edson Pereira e o instrutor Luiz Eduardo Monteiro, assumiram o comando das cozinhas dos Restaurantes-Escola do Senac no Distrito Federal até a última quinta-feira (11).

No Senado Federal, dia 9, e no Edifício Downtown (CNC), dia 11, o público desfrutou de menus à la carte com clássicos como casquinha de caranguejo e pescada amarela ao molho escabeche com arroz de cuxá.

Já na Câmara dos Deputados, o serviço de buffet, ofereceu uma imersão completa com caldo de sarnambi, arroz de Maria Izabel, caruru e sobremesas regionais como o creme de bacuri e a tradicional juçara líquida servida com farinha d'água.

A seguir imagens dos três dias do evento que movimentou a Capital Federal



Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

_evandrojr
 @evandrojr



Capitão dos Portos Admar Augusto Simões, Raket Murad e Silvío Lúcio Aguiar



Capitão dos Portos Admar Augusto Simões, Orson Feres, Raket Murad e Silvío Lúcio Aguiar

CAPTANIA DOS PORTOS DO MARANHÃO REALIZA ENTREGA DA MEDALHA 'AMIGO DA MARINHA' À DRA. RAKEL DOURADO MURAD

Na manhã da última terça-feira (9), a Capitania dos Portos do Maranhão realizou a solenidade de entrega da Medalha 'Amigo da Marinha' à Dra. Raket Dourado Murad, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados e à contribuição institucional em apoio às ações da Marinha do Brasil no Maranhão.

A cerimônia foi realizada nas dependências da Capitania dos Portos do Maranhão e contou com a presença do Capitão de Mar e Guerra Ademar Augusto Simões Júnior, além do presidente e vice-presidentes da SOAMAR-MA (Sociedade Amigos da Marinha), familiares, autoridades e convidados.

A Medalha 'Amigo da Marinha' é uma honraria concedida a personalidades e instituições que colaboram de forma significativa para o fortalecimento dos valores, das atividades e da integração da Marinha do Brasil com a sociedade.

O evento foi marcado por momentos de reconhecimento, confraternização e valorização das parcerias institucionais que contribuem para o desenvolvimento social e marítimo do estado do Maranhão.



A honraria é concedida a personalidades e instituições que colaboram de forma significativa para o fortalecimento dos valores, das atividades e da integração da Marinha do Brasil com a sociedade



Éric Murad e Raket Murad com a mãe, Sara Dourado, e o pai, Antônio José Dourado



Rogério Ferreira Silva, Raket Murad, Silvío Lúcio Aguiar e Luiz Inácio



Willinton Burak, Raket Murad e Lislely Jacinto Amorim



Willinton Burak, Capitão dos Portos Admar Augusto Simões, Rogério Ferreira Silva, Cauê Aragão, Raket Murad, Silvío Lúcio Aguiar e Luiz Inácio



Raket Murad entre a mãe, Sara Dourado, e o pai, Antônio José Dourado



Capitão dos Portos Admar Augusto Simões, Rogério Ferreira Silva, Orson Feres, Raket Murad, Silvío Lúcio Aguiar, Márcio Vaz e Luiz Inácio

Fotos/Divulgação